



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA**

ALICIA NUNES DE MORAIS

**A REALIDADE EM THE HANDMAID'S TALE:**  
Crítica e paralelos históricos com a autonomia feminina

Pelotas/RS  
2018

ALICIA NUNES DE MORAIS

**A REALIDADE EM THE HANDMAID'S TALE**

Crítica e paralelos históricos com a autonomia feminina

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

PROFESSORA ORIENTADORA: LIÂNGELA XAVIER

Pelotas, 2018

ALICIA NUNES DE MORAIS

**A REALIDADE EM THE HANDMAID'S TALE**

Crítica e paralelos históricos com a autonomia feminina

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em 7 de março de 2018.

Banca Examinadora:

---

Profa. M.<sup>a</sup> Liângela Xavier (orientadora)

---

Profa. Dr.<sup>a</sup> Ivonete Medianeira Pinto

---

Profa. Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Cruz Penkala Dias

## RESUMO

Este artigo se propõe analisar os paralelos entre a sociedade apresentada no episódio piloto de *The Handmaid's Tale* e a construção histórica do feminino com base nos estudos de Simone de Beauvoir e em relação com a autonomia reprodutiva e econômica.

**Palavras-chave:** *Margaret Atwood; The Handmaid's Tale; autonomia feminina; papéis de gênero; Beauvoir*

## ABSTRACT

The present article proposes an analysis on the parallels between the society presented on *The Handmaid's Tale* pilot episode and the historical development of femininity based on Simone de Beauvoir's studies and in relation with female reproductive and economic autonomy.

**Keywords:** *Margaret Atwood; The Handmaid's Tale; female autonomy; gender roles; Beauvoir.*

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Offred (à direita) e Ofglen andando juntas na rua, com suas asas. 22
- Figura 2** – Serena Joy, a Esposa do Comandante Waterford, com um maço de cigarros.....24
- Figura 3** – Tia Lydia com a sua arma de choque no centro de reeducação.....24
- Figura 4** – Rita, a Marta que trabalha na casa do Comandante Waterford, fazendo pão.....25
- Figura 5** - Um paredão onde são enforcados os dissidentes da República. ....26
- Figura 6** - Janine após o procedimento que lhe tirou um olho.....27
- Figura 7** – As fichas, em cima da bancada.....28
- Figura 8** - Exemplo de produtos no mercado.....29

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA MULHER.....	10
2.1. A AUTONOMIA FEMININA.....	15
3. A MULHER EM GILEAD.....	19
4. CONCLUSÃO.....	31
BIBLIOGRAFIA.....	33

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, o lugar da mulher na sociedade tem sido questionado por diversos movimentos políticos e sociais, alguns partindo do pressuposto de que o papel feminino deveria ser limitado ao lar e aos filhos apenas, outros defendendo que a mulher deveria ter o mesmo leque de opções de vida que os homens e não se ater às noções arcaicas de feminilidade. Com o crescimento de movimentos extremistas religiosos e conservadores tomando o poder ao redor do mundo, esses questionamentos se tornam cada vez mais importantes hoje.

A série *The Handmaid's Tale*, dirigida por Bruce Miller para o serviço de streaming online Hulu e baseada no livro homônimo de Margaret Atwood vem em 2018 com consciência deste clima político. O livro foi publicado em 1985, durante a expansão dos movimentos feministas nos Estados Unidos buscando o aborto legalizado e a universalização dos métodos contraceptivos, sendo tão relevante à sociedade daquela época quanto nessa volta do conservadorismo com o atual presidente americano.

A série nos apresenta um futuro no qual uma crescente onda de infertilidade atingiu a população mundial de maneira assombrosa, criando uma situação de caos e instabilidade que permitiu a um grupo ultraconservador e com bases religiosas instaurar uma ditadura em parte dos Estados Unidos – nomeando-se a República de Gilead – com a justificativa de que o caos é uma punição divina contra a sociedade que se afastou do modo de vida correto e apenas a reformulação das normas partindo dos ensinamentos da Bíblia podem salvar a humanidade da extinção. Sob a República de Gilead, a população vive em uma hierarquia rígida, com os homens firmemente colocados em uma posição de poder sobre toda e qualquer mulher, enquanto elas são divididas em castas ainda mais rigorosas e tratadas acima de tudo enquanto posses do homem ao qual elas servem.

O episódio piloto que será analisado nesta pesquisa, *Offred*, cujo título também é o nome da nossa narradora, somos apresentados à realidade em que ela se encontra enquanto uma das poucas mulheres férteis restantes no mundo, a

colocando no posto de Aia, que serve como uma espécie de barriga de aluguel para gerar filhos aos comandantes da República. Recentemente designada para a casa do Comandante Fred Waterford e sua Esposa, uma casta superior de mulher dentro da sociedade, ela apresenta a realidade que vive desde o momento em que foi capturada tentando fugir do país com o seu marido e filha.

Despida de toda individualidade, simbolizado pelo seu nome que nada mais é que a junção da palavra “*of*” e o nome do seu comandante. Neste episódio também somos apresentados ao conceito da Cerimônia, ritual baseado e justificado por uma passagem da Bíblia em que a Aia é estuprada pelo seu Comandante, deitada no colo da Esposa, sendo aceito pela sociedade por essa justificativa religiosa.

A série carrega em si influências da ficção distópica, Atwood apontando que uma de suas maiores inspirações foi o livro *1984* de George Orwell (1949) que ela leu na sua adolescência<sup>1</sup>. Krishan Kumar (1991) define a distopia simultaneamente em contraponto e conjunto à utopia – enquanto a ficção utópica apresenta um universo que aos olhos do autor é ideal à humanidade, a ficção distópica se cria nas costas da utopia, e mostra o que acontece quando essas ideias de sociedade são corrompidas, ambos surgindo enquanto meio para se discutir críticas sociais. Na raiz etimológica, utopia vem do grego *oú*, significando *não*, e *τόπος*, significando *lugar*, sendo assim a utopia um *não lugar*, um lugar que não existe, exatamente por ser o ideal igualitário aos olhos do autor. Distopia, por sua vez, vem do grego *dys*, significando *ruim*, em uma reinterpretação do *u* original pelo grego *eu*, que significa *bom*. Atwood, por sua vez, defende o termo *ustopia*<sup>2</sup> para definir seus livros, sendo a junção dos outros dois e partindo do princípio de que a utopia contém traços da distopia e vice-versa. *The Handmaid's Tale* também se encaixa no gênero de ficção especulativa, no sentido de que é uma obra baseada em fatos históricos que apenas não aconteceram da maneira que o autor os descreve.

Considerando que, historicamente, a utopia e seu contraponto vêm enquanto gêneros criados para que os autores possam fazer críticas acerca da sociedade e

---

<sup>1</sup> ATWOOD, Margaret. **My Hero: George Orwell**. 2013.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_ **The Road to Ustopia**. 2011.

resolver ou extrapolar os empecilhos que eles veem, *The Handmaid's Tale* volta ao primeiro plano para apontar os problemas que surgem com essa volta do conservadorismo religioso.

Com base nessa discussão, iremos trabalhar com o piloto da série sob o viés da análise fílmica, definida por Vanoye e Goliot-Lété (1994) em seu ensaio como a decomposição dos elementos fílmicos, a fim de encontrar significados que não são imediatamente visíveis no produto final, e posteriormente a sua reconstrução para compreender o que os elementos discutidos causam de impacto no produto, a fim de expor os paralelos das críticas feitas por Atwood e Miller em *The Handmaid's Tale* e a realidade atual.

Pretendemos também analisar a construção dos papéis femininos na sociedade ao longo da história a fim de estabelecer esse diálogo entre a realidade e a sociedade apresentada no episódio piloto, a partir do viés da liberdade reprodutiva e da econômica. Teremos como base os estudos sobre gênero de Simone de Beauvoir (1970) acerca do desenvolvimento da supremacia masculina, por que isso se deu e os seus reflexos no mundo atual. Também serão utilizadas a análise de Friedrich Engels (1884) da evolução da família em relação à propriedade privada e o estabelecimento do capitalismo e a crítica de Naomi Wolf (1990) de como o controle masculino se modificou depois das mulheres ganharem alguma liberdade econômica. Em segundo momento, iremos estudar essas questões aplicando o conceito de autonomia de Immanuel Kant (1785) e a evolução das mulheres ao longo da história em relação à luta pela igualdade de direitos e a quebra da opressão patriarcal.

## 2. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA MULHER

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949), levanta ao longo de seu livro a pergunta: o que é uma mulher? Esta, apesar de ser simples à primeira vista, é implacavelmente difícil de responder. O caráter simplista de feminino ser definido pela realidade biológica já não serve aqui, como Beauvoir coloca, “[...] falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: ‘Não são mulheres’, embora tenham útero como as outras”<sup>3</sup>.

Por meios teóricos, a pergunta toma um caminho preocupante: dificilmente se encontram estudos sobre a criatura mulher sem ser em relação ao homem. “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação, se não evoca ao macho”<sup>4</sup>, declara Julien Benda. O corpo masculino é a norma, enquanto o feminino se coloca ao mesmo tempo em uma posição de paralelo e inferior, definido pelo quê de masculino que falta à mulher e não o contrário. Beauvoir coloca que o homem, à nossa sociedade, serve de Sujeito, e à mulher resta o espaço de Outro. Este espaço é delimitado dentro dos estudos da biologia, da psicanálise, da filosofia. Apresenta-se em textos religiosos e registros históricos e o *ser* mulher se constrói assim pelas margens, dependendo muito de fatores históricos e culturais de onde ela está inserida.

Nisso, ela faz outra pergunta: de onde vem a submissão da mulher? O próprio conceito de *ser mulher* se define pelo status de subordinação perante a figura do homem, mas diferente de outras classes oprimidas, a mulher não é uma minoria que pode ser dominada por supremacia numérica, pois são tão numerosas ou até mais do que eles, tampouco são os homens e as mulheres culturas distintas que foram inicialmente independentes entre si até que um acontecimento histórico fez com que um dominasse o outro.

Em *A Origem da Família* (1984), Friedrich Engels discorre sobre o papel da mulher dentro da organização dos clãs da Idade da Pedra, elencando o momento em que ele imagina ter-se iniciado o fado da servitude feminina. Ele aponta que

---

<sup>3</sup> BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 1970, p. 9.

<sup>4</sup> BENDA, Julien. **Le Rapport d'Uriel**. 1946, *apud* BEAUVOIR, p. 12.

entre os humanos primitivos não havia família como a conhecemos hoje, mas sim organizações grupais centradas em torno da mulher, pois “em todas as formas de família por grupos, não se pode saber com certeza quem é o pai de uma criança, mas sabe-se quem é a mãe”<sup>5</sup>. Pela mulher ser capaz de gerar vida e cumprir um papel essencial tanto no desenvolvimento básico dos filhos quanto na manutenção desses clãs, a ela se reservava não só o cuidado ao lar, mas também a confecção de roupas, a preparação da comida, a conservação das hortas. Ao homem fica a guerra e defesa das terras, a caça e a pesca. Cada um é chefe de seu domínio, dono de suas ferramentas e há um sentimento de respeito mútuo pelo trabalho que cada sexo exerce para a comunidade.

Com o avanço tecnológico da Idade do Bronze, a sociedade muda de forma, deixando de lado as comunidades matriarcais e autossuficientes e abrindo caminho para as fundações das noções de propriedade privada e o foco no poder masculino. Descobrem-se métodos de manter animais em cativeiro, diminuindo a necessidade de caçar, e meios mais eficazes de cultivar alimentos. Torna-se mais fácil capturar prisioneiros de batalhas para trabalhar nos campos, criando uma cultura escravagista. Como os homens eram responsáveis por trazer comida e por todas as ferramentas envolvidas neste processo, eles vão se tornar os senhores dos escravos, donos das terras e dos rebanhos e, por fim, donos das mulheres também. O conflito aqui se engendra a partir do momento em que a mulher tem suas funções, e por consequência seu poder econômico, delegados ao homem.

Beauvoir aponta falhas na análise de Engels, apesar de considerá-la um avanço em comparação com outros estudos etnológicos no que diz respeito a falar do papel feminino no início da sociedade. Sua maior crítica é que o tratamento da opressão feminina enquanto conflito de classes é reduutivo e compreende que a condição de mulher pode ser superada tal qual a condição de proletário ou de escravo, quando na realidade não é possível fazer uma cisão entre homem e mulher já que, como discutido anteriormente, um é intrínseco à vida e à cultura do outro, independente do método econômico ou político em voga.

---

<sup>5</sup> ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família**. 1884, p. 8.

É inconcebível a ideia de que todas as tribos na maior parte do mundo, com suas diferenças na construção de culturas e costumes, tenham chegado à mesma conclusão da submissão feminina pelo simples advento das noções de propriedade privada e escravidão. Poucos são os relatos de sociedades onde a mulher toma as rédeas dessa relação de poder entre gêneros e em sua maioria, como nas lendas das Amazonas, esse poder feminino vem da supremacia numérica em cima dos homens ou da sua total ausência fazendo com que as mulheres não tivessem opção além de tornarem-se líderes. Por que não houve uma civilização que se construiu por um padrão matriarcal, ou em igualdade?

Segundo Beauvoir, a mulher não se torna submissa por não ser eficiente no trabalho que exercia para a tribo e sim porque o homem soberano não reconhecia nela um ser semelhante. Retornamos então aos fatores biológicos, aonde ela aponta que a relação patriarcal se constrói em torno da capacidade de gerar vida. O que em outras espécies pode se tornar uma ferramenta de autonomia, na mulher é a prisão em si mesma, considerando-se que o ciclo de fertilidade feminino – a menstruação, os períodos férteis, as dores do parto, a própria postura ereta à qual evoluímos que impede que o bebê humano se desenvolva completamente como o filhote de outros animais, correndo o risco de ser grande demais para passar pelos ossos da pélvis, e acabe por demandar um cuidado muito mais extensivo – condena a mulher a longos períodos de inatividade, portanto incapaz de servir de fato enquanto provedora da maneira que o homem conseguia. Beauvoir aponta também a falta de controle sobre a própria fertilidade como outro empecilho, não tendo uma pausa garantida em seu ciclo como outros animais tinham entre uma gestação e outra, a mulher humana pode ter filhos pouco tempo após o último parto e isso faz com que a mulher se tornasse ainda mais presa ao próprio corpo e à maternidade em si, enquanto o homem não possuía tais limitações.

A fêmea, mais do que o macho, é presa da espécie; a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que na maternidade a mulher continua amarrada em seu corpo, como o animal. É porque a humanidade [...]

prefere razões de viver à vida que perante a mulher o homem se pôs como senhor [...].<sup>6</sup>

E então retornamos à análise de Engels da formação familiar patriarcal e capitalista a partir do advento da propriedade privada. No princípio, quando as organizações familiares eram baseadas na poligamia entre todos os membros dos clãs, existia somente o papel da mãe. “A família sindiásmica aparece no limite entre o estado selvagem e a barbárie”<sup>7</sup>, esta definida por Engels como a evolução do conceito grupal a monogamia da civilização moderna, sendo a poligamia masculina aceita dentro desta construção matrimonial. “O matrimônio sindiásmico havia introduzido na família um elemento novo. Junto à verdadeira mãe tinha posto o verdadeiro pai”<sup>8</sup>, causando uma mudança na maneira com que o poder se transmitia dentro dos clãs. Engels aponta que previamente, devido à sociedade ser baseada no laço materno, a família e as leis antigas de herança se baseava na mulher. Os filhos que perdessem a mãe ficariam com quaisquer pertences que dela fossem, enquanto quando um homem morria, seus pertences passavam aos seus irmãos.

Dessa forma, pois, as riquezas, a medida que iam aumentando, davam, por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e, por outro lado, faziam com que nascesse nele a ideia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno. Esse direito teria que ser abolido, e o foi. [...] Bastou decidir simplesmente que, de futuro, os descendentes de um membro masculino permaneceriam na gens, mas os descendentes de um membro feminino sairiam dela, passando à gens de seu pai. Assim, foram abolidos a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e o direito hereditário paterno.<sup>9</sup>

O matrimônio sindiásmico dava a liberdade ao homem ser infiel, enquanto a mulher deveria ser leal ao seu marido, fazendo com que as linhagens agora se baseassem na figura paterna e não na materna. Beauvoir diz que essa mudança da maneira de se considerar as famílias tirou o controle feminino sobre a gestação, pois daí surgiu a noção de que a mulher era uma agente passiva enquanto o homem que

---

<sup>6</sup> BEAUVOIR. 1970, p. 84 – 85.

<sup>7</sup> ENGELS. 1884, p. 13.

<sup>8</sup> ENGELS. 1884, p. 14.

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_, p. 14.

fazia o esforço de cultivar a sua fertilidade<sup>10</sup>. A partir do momento em que se declara que o direito hereditário se passa de pai para filho, a mulher não serve para a continuação da família e passa a ser um objeto de troca – o marido a toma do pai para garantir a continuação de sua linhagem, enquanto o pai se beneficia de se livrar da filha inútil à continuação de sua própria descendência<sup>11</sup>. Com a vinda da estrutura feudal da sociedade, essa troca se tornou também uma de teor político e monetário, se estabelecendo depois nos contratos de proteção por matrimônios arranjados que se viam dentro das monarquias europeias.

Beauvoir também aponta a chegada da Igreja Cristã como um grande obstáculo para a liberação feminina, tendo a Bíblia como um registro da reafirmação de que a submissão da mulher não só era esperada como era algo da natureza humana, pois assim Deus a havia criado. Essa tradição se perpetua na Idade Média, as leis criadas na época tendo como base os mandamentos da Igreja. “A mulher achava-se na absoluta dependência do marido [...] é casada sem o seu consentimento, repudiada segundo os caprichos do marido que tem sobre ela direito de vida ou morte”<sup>12</sup>. Segundo ela, só foi-se questionar a instituição do casamento e a opressão feminina depois que clérigos começaram a pintar o homem como mártir por se submeter ao relacionamento com uma mulher, reclamando de sua natureza preguiçosa e burra em meados do século XV. Christine de Pisan<sup>13</sup>, segundo Beauvoir, foi a primeira mulher a levantar a voz contra o clero a favor de seu sexo, anunciando que não haveria tanta diferença entre homens e mulheres se a elas fosse permitido os estudos.

Apenas no século XIX que surgiu um movimento organizado de fato em prol da liberdade feminina, na forma das sufragistas europeias. Beauvoir aponta que fora criado em primeiro momento pelas mulheres que acabaram por trabalhar nas fábricas durante a Revolução Industrial, aliadas a movimentos socialistas e de direitos trabalhistas, essas primeiras feministas lutaram pelo direito ao voto e aos estudos, a fim de poderem escolher algo que não fosse apenas o trabalho

---

<sup>10</sup> BEAUVOIR. 1970, p. 83 – 84.

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_, p.104.

<sup>12</sup> BEAUVOIR. 1970, p. 120.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_, p. 130.

doméstico. Em *O Mito da Beleza* (1990), Naomi Wolf define o matrimônio enquanto um mercado, ao falar do peso que a sociedade moderna coloca nas mulheres para conservarem um padrão de beleza impossível de ser alcançado, em que o corpo feminino é um produto a ser ofertado de um homem ao outro<sup>14</sup>. Ela aponta que esses padrões de beleza começaram a ser impostos à mulher junto com o crescimento do movimento sufragista como uma nova forma de prejudicar o progresso feminino.

Nas relações de poder atuais entre os gêneros, mais que os movimentos feministas do século XIX, e posteriormente os dos anos 60 e os dos dias atuais, tenham existido e lutado contra a sociedade patriarcal é possível traçar claros paralelos com essas visões arcaicas dos papéis de gênero. Ainda há muito caminho a ser trilhado na luta contra o controle masculino, porém esses movimentos conseguiram abrir espaços para a possibilidade do exercício da autonomia feminina. A autonomia, aqui, vem de Immanuel Kant, que a define como “o conceito segundo o qual todo o ser racional deve considerar-se como legislador universal por todas as máximas da sua vontade”<sup>15</sup>, ou seja, a liberdade do indivíduo de gerir a sua própria existência sem a interferência de valores externos a ele. Aplicaremos a seguir esse conceito de Kant sobre os temas abordados, a fim de definir o avanço e os desafios suportados pela mulher na sociedade.

## **2.1. A AUTONOMIA FEMININA**

Dentro do conceito geral de autonomia e com base nos temas abordados no capítulo anterior, trabalharemos aqui em duas subcategorias para analisar a evolução da liberdade da mulher na sociedade atual: a autonomia econômica e a autonomia reprodutiva.

A autonomia econômica é o primeiro conceito a ser discutido dentro da autonomia feminina, porque em nossa sociedade majoritariamente capitalista as pessoas que não a alcançam podem ficar à mercê dos outros, impedindo que exerçam suas liberdades individuais. O fator mais importante da autonomia econômica é a possibilidade de se trabalhar de maneira segura e saudável e receber

---

<sup>14</sup> WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza*. 1990, p. 21.

<sup>15</sup> KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. 1785, p. 75.

justamente pela tarefa cumprida. Como discutido por Beauvoir e Engels, por séculos foi esperado da mulher que ela se casasse, passando de ser propriedade de seu pai ao marido, entre as famílias mais abastadas que ela também servisse de moeda de troca para um contrato econômico entre sua família e a do futuro marido, gerasse herdeiros homens e cuidasse da prole e das tarefas domésticas. Quando no século XVIII na da Revolução Industrial barateou os salários dos trabalhadores, criou-se a necessidade da mulher ir às fábricas para suplementar a renda familiar, agora impossível de ser suprida apenas pelo homem, dando às mulheres a possibilidade de trabalhar. No início elas eram extremamente exploradas, enquanto uma mão de obra mais barata e mais descartável do que a masculina, e foram necessários os movimentos sufragistas para que se criasse certa igualdade, porém, a Revolução Industrial ainda marca um grande avanço para a autonomia econômica feminina.

Outro fator muito importante, relacionado ao que discutimos no paragrafo anterior, se refere aos direitos garantidos por lei às mulheres. Por conta da cultura do matrimônio enquanto contrato social, religioso e econômico entre os homens de duas famílias e da noção de que toda mulher pertencia a um homem, por séculos a mulher não podia possuir terras, receber heranças ou fazer qualquer transação monetária grande sem a permissão do pai ou do marido. Os movimentos em favor de direitos igualitários do século XIX conseguiram garantir algum progresso nesse sentido, porém, na época em que Beauvoir escreveu *O Segundo Sexo*, ainda havia países onde o voto e o direito ao divórcio, por exemplo, ainda não eram garantidos<sup>16</sup>.

Atualmente, tanto a disparidade salarial e busca pelos direitos básicos ainda são problemas muito marcantes em diversos países. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), composta hoje por 23 países-membros de todos os continentes, tem uma tabela com dados coletados entre 2013 e 2016 sobre a diferença salarial por gênero entre seus membros. Nos Estados Unidos e Canadá, essa diferença é 18% a menos para as mulheres, enquanto na

---

<sup>16</sup> BEAUVOIR. 1970, p. 172 – 173.

Coréia do Sul ela chega a 36,7%<sup>17</sup>. Em muitos países da África e da Ásia, as mulheres ainda não têm plenos direitos.

Enquanto os problemas referentes à autonomia econômica podem ser sentidos por alguns homens pertencentes a classes minoritárias na sociedade, a autonomia reprodutiva é um problema inerente do corpo feminino. Voltando às ideias de Beauvoir discutidas no capítulo anterior, a maternidade enquanto um destino biológico inescapável sempre foi um grande obstáculo para a autonomia feminina em todas as esferas da sociedade.

Um grande fator no conceito da maternidade compulsória na sociedade é a socialização feminina, que passa de simples determinismo biológico para a construção do papel feminino<sup>18</sup>. Define-se pelo conjunto de preceitos socioculturais que colocam desde a juventude da mulher a expectativa de que ela se torne mãe ao crescer, acima de qualquer outra aspiração. Esse destino é pautado desde as bonecas que imitam os filhos na infância, o cuidado com irmãos mais novos e com as tarefas domésticas junto da mãe, até a idade adulta onde a mulher é pressionada pela sociedade a ter filhos, baseado em uma noção de instinto maternal inerente e de que a vida de uma mulher nunca será de fato satisfatória e feliz até ela ter um filho. Pode-se ver refletido aqui a evolução do discurso da cultura do herdeiro, assumindo-se que a mulher acima de tudo deveria se casar e produzir sucessores para o seu marido, a fim de continuar a linhagem e as riquezas dele.

Vinda na década de 60, a segunda onda do movimento feminista tem como uma de suas principais pautas a desconstrução da maternidade como estava posta perante a sociedade. Lucila Scavone (2001), em seu artigo, analisa os três momentos da desconstrução da maternidade para o movimento feminista da época. A partir do final dos anos 60, vem o que ela chama de “reconhecimento do *handicap*<sup>19</sup>”, e junto dele a recusa da noção da maternidade como algo compulsório e inescapável, reivindicando a possibilidade de abertura no campo identitário

---

<sup>17</sup> Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). 2018 **Gender wage gap** (indicador).

<sup>18</sup> BOTELHO, Helena. **Maternidade Compulsória e a Escolha da Mulher**. 2017.

<sup>19</sup> Defeito natural, em tradução livre.

feminino. Rompe, então, com a premissa de que a mulher era definida apenas pela sua maternidade.

Em segundo momento, vem a “negação do *handicap*”, que chega como um retorno aos primeiros pensamentos sobre a fertilidade e a gestação, onde a reivindicação é da valorização da mulher dentro da experiência da maternidade e a aceitação de que, podendo escolher quando e se uma mulher individual quer se tornar mãe e não sendo isso a totalidade do seu indivíduo, a possibilidade ainda é parte de sua identidade e não pode ser despida de tal. Aqui, a maternidade é usada como uma ferramenta de poder e não de submissão, tomando à mulher as rédeas dessa relação biológica.

Por fim, vem o momento de “desconstrução do *handicap*”, ditando que “não é o fato biológico da reprodução que determina a posição social das mulheres, mas as relações de dominação que atribuem um significado social à maternidade”<sup>20</sup>. A mulher não pode rejeitar a sua capacidade biológica em vista de que ela é a culpada por sua opressão, tem que tomar para si o sentido que não é a biologia em si que a oprime, mas sim o peso social delegado a essa aptidão.

Outro fator muito relevante na discussão de maternidade são os métodos contraceptivos e abortivos. Desde que o aborto se estabeleceu como o conhecemos hoje, um método de mulheres econômica ou socialmente ativas se manterem como tais sem o peso da maternidade, a Igreja se tornou uma das maiores influências contrárias, ditando que isso se opõe à vontade divina. A luta feminista explorada anteriormente também abriu caminhos nesse sentido, atualmente sendo majoritariamente aceita na maior parte dos países desenvolvidos. O aborto, porém, ainda é uma questão controversa. Apesar da ONU, em 2017, ter declarado o aborto legal e seguro um direito inalienável, muitos países ainda se prendem em morais desatualizadas sobre isso.

Na maior parte da Europa, Ásia, alguns países das Américas e a África do Sul, o aborto é legalizado independente de quaisquer fatores<sup>21</sup>, enquanto no resto do

---

<sup>20</sup> SCAVONE, Lucila. **O Diálogo da Maternidade com as Ciências Sociais**. 2001, p. 141.

<sup>21</sup> Organização das Nações Unidas (ONU). **World Abortion Policies 2011**.

mundo ele é ilegal com algumas exceções ou completamente criminalizado. Porém, vem se dando no ocidente uma onda de movimentos de extrema-direita, muitos com bases cristãs ou católicas, se denominando pró-vida e lutando contra a legalidade do aborto. Nos Estados Unidos esses grupos fazem terrorismo psicológico e vandalizam clínicas que performam o procedimento<sup>22</sup>, e no Brasil a bancada evangélica e outros grupos conservadores têm pressionado projetos de lei, como a PEC 181/2011 e a PL5069/2013, que proibiria o aborto no país inclusive nas exceções que são previstas por lei atualmente.

Podemos observar que muito se conquistou no que diz respeito às liberdades femininas desde os primeiros textos de Christine de Pisan. Porém, muitos empecilhos ainda são colocados em lugar para impedir que o paradigma da supremacia masculina seja quebrado. Beauvoir coloca que o homem, na realidade, teme a mulher livre. Uma mulher livre é uma mulher que foge ao controle, que exerce sua sexualidade e escolhe o caminho que irá trilhar independente de qualquer outro. A relação de gênero se torna uma relação de luta<sup>23</sup>, portanto, e a mulher alcançando um lugar de semelhança ao homem ela se torna tão temível quanto a Natureza um dia foi para a humanidade antes da religião e da ciência por tornar-se tão imprevisível quanto.

---

<sup>22</sup> MARTIN, Kenya. **Anti-Abortion Harassment Goes Way Beyond Picketing Clinics**. 2018.

<sup>23</sup> BEAUVOIR. 1970, p. 336.

### 3. A MULHER EM GILEAD

As questões de autonomia feminina e controle masculino se apresentam claramente dentro do trabalho de Margaret Atwood e Bruce Miller. Atwood define seu livro *The Handmaid's Tale* (1985) dentro dos gêneros da ficção especulativa e da ustopia, termo criado por ela própria a partir da junção dos termos *distopia* e *utopia*. A ficção especulativa se aproxima da científica pelo sentido de ambas se passarem no futuro, porém, diferencia-se no fato de que a especulativa apresenta situações que poderiam acontecer, mas só não aconteceram ainda da maneira que o autor as descreveu. Atwood usa de exemplos dessa diferença os livros inspirados no trabalho de H.G. Wells, com invasões de alienígenas e viagens espaciais, contra os livros de Júlio Verne e suas aventuras mais fundamentadas na realidade. A ustopia, por sua vez, nas palavras de Atwood não passa de um termo novo para definir o gênero já existente, criado porque ela acredita que “[tanto a distopia quanto a utopia] contêm uma versão latente do outro”<sup>24</sup>. Também se define por ser ao mesmo tempo um lugar palpável e um estado mental.

A história de *The Handmaid's Tale* se passa em um futuro próximo, onde uma combinação de poluição, alimentos geneticamente modificados e contaminação por radioatividade causa a queda drástica dos índices de natalidade ao redor do mundo. Anos se passam com poucas crianças nascendo saudáveis, ou nascendo de modo algum, e o medo da possível extinção da espécie causa o caos generalizado em todos os países, com líderes mundiais tentando descobrir como reverter esse fato.

Nos Estados Unidos, esse caos abre espaço para que um grupo conservador cristão e radical, os Filhos de Jacó, organizasse um movimento político e militar para derrubar o governo norte-americano e tomasse o poder para eles mesmos. Por meio de movimentos sociais e uma guerra civil, eles conseguiram conquistar partes do país, se automeando República de Gilead. Os líderes dos Filhos de Jacó pregam que a infertilidade é uma praga imposta sobre a humanidade por ela ter se desviado do caminho de Deus e o único meio de satisfazer a vontade divina é reformular

---

<sup>24</sup>“Utopia is a world I made up by combining utopia and dystopia – the imagined perfect society and its opposite – because, in my view, each contains a latent version of the other.” ATWOOD, Margaret. Excerto de **The Road to Utopia**. Tradução própria.

todas as leis e costumes do país sobre os ensinamentos da Bíblia, retornando a valores antigos.

O episódio piloto, *Offred*, abre com a protagonista e narradora, June, fugindo dos militares da República, que depois descobrimos que são chamados de Guardiões da Fé, com sua família, tentando chegar à fronteira com o Canadá. June e sua filha são capturadas, enquanto seu marido é morto. Logo depois disso, o piloto corta para June sozinha em um quarto, já assumindo sua posição de narradora e nos apresentando o seu novo universo.

JUNE (V.O.)

*Eu tento não pensar sobre essas rotas de fuga. É mais difícil durante o dia de Cerimônia.*

(e depois)

*Pensar pode prejudicar suas chances. E eu pretendo sobreviver. Eu pretendo sobreviver para ela.*

(e depois)

*Meu nome é Offred. Eu tinha outro nome, mas ele é proibido agora. Tantas coisas são proibidas agora.*

June agora é OFFRED.

Bem vindos ao nosso mundo. Bem vindos à Gilead.<sup>25</sup>

Em primeiro momento, a mudança mais evidente entre a June em liberdade para a Offred sob o controle da República de Gilead são as suas roupas. Ao decorrer do episódio, Offred nos apresenta a questão das classes sociais sob o novo governo, estas tendo uma divisão hierárquica rígida onde os homens e as mulheres se dividem em dois sistemas distintos, com as mulheres marcadamente subservientes ao homem a quem elas pertencem, tendo que usar uma espécie de uniforme para identificar de qual classe social elas fazem parte.

A população masculina é dividida em três grandes grupos: os Comandantes, que foram pivôs da tomada do poder e agora detêm a maior parte da influência política, social e econômica na República; os Guardiões da Fé, que compõem a força militar e policial, além de servirem enquanto seguranças para os comandantes se

---

<sup>25</sup> CHAIKEN, Ilene. **The Handmaid's Tale - Pilot Screenplay**. 2015, excerto. Tradução própria.

necessário; e os trabalhadores comuns. Destes, o último grupo sofre mais dentro da República, sendo o que mais é composto de homens contrários ao governo ditatorial.

A primeira casta feminina apresentada são as Aias. Elas usam roupas conservadoras, traços que compartilham com todas as outras classes de mulher, caracterizadas pela cor vermelha e por uma espécie de chapéu, que dentro da série eles chamam de asas, similar aos antolhos usados em cavalos para força-los a olhar apenas para frente. As asas servem um propósito idêntico, além de fazer com que as outras pessoas apenas possam ver os rostos das aias se as olharem diretamente de frente.



**Figura 1 – Offred (à direita) e Ofglen andando juntas na rua, com suas asas.**

As aias ocupam a posição mais alta dentro da hierarquia feminina, sendo as únicas mulheres férteis da República de Gilead. Quaisquer crimes perpetrados contra uma dessas aias são puníveis com morte, mas elas sofrem com o maior nível de vigilância e opressão do que qualquer outra mulher. Todas as aias passam por um treinamento severo, são obrigadas a deixar para trás seus nomes antigos, encorajadas a esquecer do mundo como ele era antes da tomada de poder e sua função principal dentro da sociedade é a de trabalharem nas casas de homens de alto escalão para servirem de barrigas de aluguel para eles e suas esposas inférteis.

Toda a identidade de uma aia é reduzida à sua capacidade biológica. Seus nomes passam a ser uma junção do advérbio de posse *of* (de, em inglês) com o nome do homem ao qual elas pertencem no momento. A Cerimônia, sobre a qual Offred comenta no excerto acima do roteiro, ocorre uma vez ao mês durante o período em que a aia em questão estiver mais fértil, onde ela é submetida a ser estuprada pelo Comandante com a sua esposa presente, quase ritualisticamente, enquanto ele recita uma passagem da Bíblia que justifica a existência das aias.

[...]

COMANDANTE (CONT)

(lendo)

E quando Raquel viu que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, por isso disse a Jacó, Dê-me filhos ou morrerá...

[...]

COMANDANTE (V.O.)

*Então ela respondeu, Aqui está Bila, minha serva. Deite-se com ela...*

AFASTANDO-NOS, nós revelamos que Offred está deitada entre as pernas abertas de Serena Joy.

[...]

COMANDANTE (V.O.)

*... e ela terá aos meus joelhos para que eu possa por meio dela ter filhos também. E ela deu sua serva<sup>26</sup> a Jacó por mulher, e Jacó deitou-se com ela.*

Abaixo delas, o Comandante fode Offred. Metodicamente. Com esforço monótono.<sup>27</sup>

A próxima classe social feminina a ser apresentada são as Esposas, caracterizadas pelas roupas azuis. Serena Joy, mencionada no excerto acima do roteiro, faz parte dessa casta. É a elite entre as mulheres, conjugues de Comandantes e outros homens de alto escalão, a elas recaem as responsabilidades sobre os filhos e a autoridade em cima das outras mulheres que habitam sua casa.

---

<sup>26</sup> A palavra usada aqui, tanto no roteiro quanto na tradução literal da Bíblia para o inglês, é *handmaid*.

<sup>27</sup> CHAIKEN. 2015, excerto do roteiro, tradução própria.



**Figura 2 – Serena Joy, a Esposa do Comandante Waterford, com um maço de cigarros.**

Logo abaixo das Esposas ficam as Tias. Essas são mulheres solteiras, inférteis e extremamente devotas à República e seus ideais, às quais recai a responsabilidade de treinar as jovens que se tornarão aias e de punir quaisquer transgressões cometidas por ou contra essas mulheres. Elas seguram certo poder militar, sendo as únicas mulheres que podem carregar armas – e mesmo assim, apenas do tipo não letal.



**Figura 3 – Tia Lydia com a sua arma de choque no centro de reeducação.**

Sua devoção para a causa é evidente nas cenas dentro do Centro de Reeducação Raquel e Lea, para onde June é levada logo depois de sua captura. Tia Lydia demonstra esse sentimento em uma de suas falas nesta cena:

TIA LYDIA

... Mas vocês são meninas especiais. Fertilidade é um presente diretamente de Deus. Ele as deixou intactas para um propósito Bíblico.

(e depois)

Como Bila serviu Raquel, vocês meninas servirão aos Líderes da Fé e suas esposas estéreis. Irão carregar crianças para eles. Vocês são tão sortudas. Tão *privilegiadas*.<sup>28</sup>

A última das classes femininas e a mais baixa são as Martas caracterizadas por suas roupas verdes. Estas são mulheres solteiras, que não eram devotas o bastante durante a tomada de poder da República para ganhar o posto de Tias e são aparentemente inférteis. Trabalham sob o comando das Esposas no serviço doméstico e no preparo da comida. São também instruídas pelas tias, porém, sobre elas não recai nem a proteção nem o escrutínio que recai sobre as Aias.



Figura 4 – Rita, a Marta que trabalha na casa do Comandante Waterford, fazendo pão.

---

<sup>28</sup> CHAIKEN. 2015. Excerto do roteiro, tradução própria. Italicização presente no texto original.

Na República de Gilead, é terminantemente proibido pregar qualquer outra religião que não o cristianismo, homens de baixo escalão não podem tomar mulheres para si, relações sexuais que não com Aias são proibidas por não haver a possibilidade de reprodução, pessoas LGBT são taxadas de “traidoras do gênero” e tanto o aborto quanto métodos anticoncepcionais foram banidos completamente. Qualquer pessoa pega quebrando alguma dessas regras é punida com morte ou exílio para o que eles chamam de Colônias, regiões afastadas e contaminadas por radiação, onde os exilados são mandados para limpar essa poluição até que eles acabem morrendo.

Dentro da República também existem os Olhos, pessoas aparentemente comuns que trabalham secretamente com os Guardiões da Fé para capturar dissidentes, comparados no roteiro à Gestapo alemã. Similarmente, as mulheres saem sempre em duplas, uma servindo para vigiar a outra. Offred e Ofglen passam, após fazerem compras, em frente a um dos paredões onde os rebeldes capturados são deixados como exemplo.



**Figura 5 – Um paredão onde são enforcados os dissidentes da República.**

As aias, por sua fertilidade, além de correrem o risco de serem sentenciadas à morte se seus crimes forem muito graves, passam sob a ameaça de procedimentos cirúrgicos, lavagem cerebral e tortura psicológica. Os dois últimos aparecem nas cenas em que Offred acaba de chegar ao centro de reeducação, sob

a tutela de Tia Lydia, na forma do castigo imposto sobre Janine, outra aia em treinamento.



**Figura 6 – Janine após o procedimento que lhe tirou um olho.**

Essas punições também têm origens bíblicas. Ouvimos Offred e Moira, amigas e colegas de casa antes da República, conversando sobre o castigo ainda dentro do centro de reeducação, quando Moira, a qual já havia passado mais tempo sendo doutrinada do que a recém-chegada, cita a passagem em questão.

OFFRED

O que eles fizeram com ela?

MOIRA

*Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o.* <sup>29</sup>

(e então)

Nós somos reprodutoras, garota. Você não precisa de olhos pra isso. <sup>30</sup>

Outro fator importante que logo fica evidente do funcionamento da República é o que Ildney Cavalcanti, em seu artigo *Utopias off Language*, chama de controle linguístico. Nele, Cavalcanti estuda três livros de ficção especulativa feminista que

---

<sup>29</sup> **Mateus 5:29** – “Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno.”

<sup>30</sup> CHAIKEN. 2015. Excerto do roteiro, tradução própria.

caem em algum ponto do espectro da utopia/distopia, entre eles o livro *The Handmaid's Tale*. Ela define o seu conceito de controle da seguinte maneira:

O silenciamento de mulheres pelos homens aparece em uma série de maneiras: (...) imposição de discurso planejado ou artificial (às vezes chegando ao ponto extremo em que mulheres têm que se comunicar seguindo um roteiro); proibição do acesso ao discurso público, leitura e/ou escrita, especialmente a escrita criativa; negar a representação em fóruns públicos; ou, mais efetivamente, cortar as línguas de mulheres.<sup>31</sup>

Dentro da República, esse controle linguístico se apresenta de duas maneiras distintas: as mulheres, de forma geral e independente da sua posição dentro da hierarquia, são proibidas de consumirem a palavra escrita em qualquer forma que ela possa se apresentar e as conversas entre quaisquer duas pessoas deve seguir um roteiro pré-estabelecido. O controle da palavra escrita parece não em primeiro plano, mas nos detalhes dos enquadramentos durante *Offred*. A protagonista afirma que há tantas coisas que são proibidas agora logo antes de descer para a cozinha encontrar Rita, elas conversam brevemente e a Marta tira do seu avental um caderno de fichas. Essas fichas são a única forma de dinheiro que as mulheres podem manusear. Elas não têm números nem palavras, apenas figuras representando os produtos correspondentes a cada uma.



Figura 7 – As fichas, em cima da bancada.

---

<sup>31</sup> CAVALCANTI, Ildney. *Utopias off Language in Contemporary Feminist Literary Dystopias*. 2000, p. 1. Tradução própria.

Depois que Offred sai e encontra Ofglen, as acompanhamos pela cidade e podemos ver que até as placas ali foram substituídas, os nomes das ruas abolidos e substituídos por imagens que simbolizam aonde elas levam. No mercado, temos de novo a substituição de palavras por símbolos, na forma dos rótulos dos produtos e das placas indicativas.



**Figura 8 – Exemplo de produtos no mercado.**

O outro fator, da roteirização da palavra falada, é evidente dentro das interações de Offred com as pessoas ao seu redor e existe em um paralelo com a sua narração interna. Durante todo o piloto, Offred tem esse ponto de rebeldia contra as imposições da República, se recusando a descartar o único espaço em que ela ainda tem liberdade de expressão. Podemos ver essa dualidade no diálogo com Nick, o motorista do Comandante Waterford:

Offred olha seus braços, musculosos e suados, enquanto [Nick] levanta as ferramentas pesadas. Ela se força a desviar o olhar.

NICK

Indo fazer compras?

OFFRED (V.O.)

*Não, Nick, eu vou virar uns mojitos no Oyster House Bar. Quer vir junto?*

E então –

OFFRED

Sim.<sup>32</sup>

E depois, quando Offred expõe os seus medos em relação à Ofglen para o espectador, podemos ver real impacto que essas limitações têm para as relações entre as mulheres da República.

Offred anda com Ofglen.

OFFRED (V.O.)

*Nós vamos a todos os lugares em duas. Supostamente para a nossa proteção, mas isso é besteira. A verdade é que nós estamos vigiando uma à outra por qualquer traço de heresia.*

[...]

*Ela nunca disse nada que não fosse estritamente ortodoxo. Mas eu também não. Ela pode ser uma verdadeira devota, uma Aia em mais do que apenas nome. Eu não posso correr esse risco.*<sup>33</sup>

Offred tem a necessidade de uma conexão com outra pessoa, mas essa é impossível de ser alcançada dentro da sociedade que ela vive por conta dessas roteirizações da fala e do medo de ser punida por violar as regras. É apenas nas cenas finais do piloto, depois de Offred ter recebido de Janine a notícia de que Moira havia morrido tentando escapar e reage quebrando os parâmetros de conduta da República, que ela e Ofglen conseguem ter um momento de conexão real, oferecendo uma à outra a coisa mais valiosa que elas ainda têm nesse mundo: seus nomes e suas histórias reais.

*Offred* conclui com um sentimento de esperança, vindo de ter encontrado uma parceira em sua luta para a sobrevivência neste ambiente hostil apesar da repressão da República.

---

<sup>32</sup> CHAIKEN. 2015. Excerto do roteiro, tradução própria.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_.

#### 4. CONCLUSÃO

Há uma biblioteca de livros raros na Universidade de Toronto, onde Margaret Atwood se formou e trabalhou como escritora por alguns anos, contendo até o momento cerca de 70 caixas de documentos escritos e doados por ela para futura referência. Uma dessas caixas é rotulada “Handmaid’s Tale: Background”. Rebeca Mead, jornalista do *New Yorker*, acompanhou a autora até essa biblioteca em 2017 e em seu artigo narrando os momentos que elas passaram juntas ela expõe o processo criativo de Atwood na escrita de *The Handmaid’s Tale* logo antes do lançamento da série.

[...] Atwood abriu a caixa, expondo arquivos contendo resmas de recortes de jornais do meio dos anos oitenta.

[...] Havia histórias sobre aborto e métodos contraceptivos sendo abolidos na Romênia e reportagens do Canadá lamentando a queda na sua taxa de natalidade e artigos dos EUA sobre Republicanos tentando reter financiamentos federais a clínicas que proviam serviços relacionados à aborto. [...] Um artigo da Associated Press reportava sobre uma congregação Católica em New Jersey sendo tomada por um setor fundamentalista onde as esposas eram chamadas de “*handmaidens*” – palavra que Atwood havia sublinhado.

<sup>34</sup>

Mead continua, discorrendo sobre a relutância de Atwood em incluir dentro de *The Handmaid’s Tale* qualquer fato que não possuísse “um antecedente histórico ou um ponto moderno de comparação”, defendendo que por isso ela considerava seu trabalho um de ficção especulativa. Tendo isso em mente junto com o fato de que ambas os gêneros de ficção utópica e distópica serviram historicamente enquanto um meio do autor expor suas críticas acerca da sociedade atual e de como ela poderia evoluir, é possível ver que Atwood não só lançou a pergunta clássica desse gênero – “poderia isso acontecer aqui?” – mas também aponta como isso *aconteceu*, aqui e agora ou em outro momento.

O universo em que a República de Gilead existe não é removido da realidade. Nele é possível ver os reflexos da construção histórica do papel feminino explorada por Beauvoir, o foco na capacidade biológica da mulher enquanto mãe e reprodutora, a subserviência perante a figura do homem. Na relação dos

---

<sup>34</sup> MEAD, Rebecca. **Margaret Atwood: The Prophet of Dystopia**. 2017.

Comandantes com as Esposas e as outras mulheres que ele domina há paralelos com o matrimônio sindiásmico, onde ele poderia tomar para si quantas quisesse enquanto a sua esposa deveria se resignar à fidelidade.

A autonomia reprodutiva se apresenta muito claramente na figura das Aias, que são reduzidas ao seu corpo, destituídas de qualquer controle sobre elas mesmas e privadas de sua humanidade, sendo tratadas tal qual fossem gado reprodutor. Às outras não existe a possibilidade de serem mães senão por meio das Aias, e isso automaticamente as torna menos importantes para a sociedade, mais descartáveis.

O controle da linguagem por meio da abolição da palavra escrita e a roteirização da falada são meios sutis de se estabelecer a quebra da autonomia econômica ao mesmo tempo em que se impede uma revolução. Torna-se à crítica de Cristina de Pisan no século XV, a falta de educação formal à mulher impede que ela possa se libertar da figura masculina. A impossibilidade de manusear dinheiro ou de receber pelos serviços prestados, como acontecia antes da Revolução Industrial, só reforça esse aprisionamento.

*The Handmaid's Tale* questiona a estabilidade da autonomia adquirida pelas mulheres nos últimos séculos, trazendo em si um aviso – para as mulheres, a estabilidade não existe. É preciso a todo o momento estar alerta e lutando contra a opressão masculina inata à construção da nossa sociedade, pois, como Beauvoir afirma, a mulher livre é imprevisível e o homem perante uma mulher incontrolável tem medo.

Ela também trás uma mensagem de esperança, mesmo em um momento extremamente repressivo, na forma da relação entre Offred e Ofglen. A utopia dentro da distopia de Atwood se revela não no conforto dos Comandantes, mas na realização de que há coisas que não podem ser proibidas nem esquecidas completamente e que a liberdade feminina, no fim, vai ser alcançada pelas mãos das próprias mulheres, pois são inerentemente incontroláveis.

## BIBLIOGRAFIA

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. Canadá: Editora Anchor Books, 1998.

\_\_\_\_\_. **My Hero: George Orwell**. *The Guardian*, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/igRHt4>>. Último acesso em: 20 de janeiro de 2018.

\_\_\_\_\_. **The Road to Utopia**. *The Guardian*, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/rzBYfz>>. Último acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo I – Fatos e Mitos**. Difusão Europeia do Livro, 1970. 4ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. Disponível em: <<https://goo.gl/h8Wxta>>. Último acesso em: 11 de fevereiro de 2018.

BOTELHO, Helena. **Maternidade Compulsória e a Escolha da Mulher**. *Repórter Unesp*, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/XigrM1>>. Último acesso em: 18 de fevereiro de 2017.

CAVALCANTI, Ildney. **Utopias off Language in Contemporary Feminist Literary Dystopias**. *Penn State University Press*, Pensilvânia, EUA: vol. 11 no. 2 p. 152 - 180. 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/zzkpdL>>. Último acesso em: 24 de fevereiro de 2018.

CHAIKEN, Ilene. **The Handmaid's Tale - Pilot Screenplay**. EUA: 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Veum9D>>. Último acesso em: 24 de fevereiro de 2018.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Civilização Brasileira, 1984. 9ª edição. Tradução de Leandro Konder. Disponível em: <<https://goo.gl/ypB9ry>>. Último acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

KUMAR, Krishan. **Utopia and Anti-Utopia in Modern Times**. EUA: Editora Blackwell Publishers, 1991. Disponível em: <<https://goo.gl/Qg5Xw2>>. Último acesso em: 20 de janeiro de 2018.

MARTIN, Kenya. **Anti-Abortion Harassment Goes Way Beyond Picketing Clinics**. *Huffington Post*, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/t5Fvsw>>. Último acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

MATTAR, L.D. DINIZ, C.S.G. **Hierarquias Reprodutivas: maternidade e desigualdade no exercício dos direitos humanos pelas mulheres**. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, vol. 6, n. 40, pág. 107 – 119. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/wKaYpi>>. Último acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

MEAD, Rebecca. **Margaret Atwood: The Prophet of Dystopia**. *The New Yorker*, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/WxNPhe>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

Organização das Nações Unidas (ONU). **World Abortion Policies 2011** (informe). Disponível em: <<https://goo.gl/BMXENP>>. Último acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). **Gender wage gap** (indicador), 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/Nn45Wv>>. Último acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. *Cadernos Pagu*, Campinas: vol. 16 p. 137 – 150. 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/tob3Rh>>. Último acesso em: 31 de janeiro de 2018.

**THE HANDMAID'S TALE**. Criador: Bruce Miller. EUA: Hulu, 2017.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio Sobre Análise Fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994. Tradução de Marina Appenzeller. Disponível em: <<https://goo.gl/c2bC4k>>. Último acesso em: 31 de janeiro de 2018.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Editora Rocco. Brasil, 1992. Tradução por Waldea Barcellos. Disponível em: <<https://goo.gl/TC4NRf>>. Último acesso em: 22 de fevereiro de 2018.